ILLVSTRAÇÃO PORTVGUEZA

DIRECTOR
SERIE II C·MALHEIRO·DIAS Nº 35

O seculo XVIII deu entre nós tres typos de elegantes, que se succederam chronologicamente: a «bandarra», a «frança» e a «sécia». N'estes tres typos se consubstanciaram todos os esforços realisados em Portugal para crear, n'um seculo de elegancias, qualquer cousa que se parecesse com a verdadeira elegancia, — e é justo reconhecer que, se não ficaram d'esse tempo figuras transparentes de graça e de belleza como as de Natier, de Latour, de Watteau, de Greuse, é porque a elegante portugueza do seculo XVIII teve, entre outras, a suprema infelicidade de não encontrar um pintor que a comprehendesse. Se hoje a conhecemos, não é positivamente através a cortezania galante dos pintores: é através as mercurices severas dos moralistas. A «frança» de 1751, a «sécia» de 1780, tão caracteristica e nitidamente lisboetas, não foi pela pintura, pela miniatura ou pelo esmalte que chegaram até nós: a honra de as ter perpetuado cabe á litteratura de cordel do tempo, — fiel registradora de todos os escandalos, de todas as devoções e de todas as modas. Na fixação do seu typo, o moralista substituiu o pintor, — que nunca em Portugal teve verdadeiramente o culto da mulher. A iconographia da elegante portugueza do seculo XVIII é pobrissima: já não succede o mesmo á sua litteratura. Não tivemos pintores de elegancias mundanas: se D. João V quiz bons paineis nos seus côches teve de mandar vir de França Pedro Antonio Quillard, pintor de *fêtes galantes* á moda de Watteau, que depois se democratisou por Lisboa em tremós e altos de porta; mais tarde, se a nobreza precisou d'um retratista, teve de ir buscar Parode á Italia; por ultimo, em 1785, se se quizeram joias para mandar para Hespanha, foi preciso chamar a Portugal o miniaturista e pintor de esmaltes Tron, que aqui morreu em 1813 fazendo bom negocio. Tivemos de recorrer a estranhos sempre que foi necessario ferir a nota leve da elegancia ou da graciosidade. Em compensação, se as circumstancias nos forçaram a mandar vir artistas para pintar as nossas mulheres, — não tivemos felizmente de mandar vir moralistas para dizer mal d'ellas: havia-os por cá em admiravel quantidade. Moralistas e poetas satyricos dos melhores, — poetas, santo Deus! — que dividiam os seus ocios entre a mendicidade das casas fidalgas, o pão de ló dos outeiros de Abbadessado e a maledicencia ás elegantes ricas do tempo. Elles, os auctores das *Turinas* e dos *Rituaes dos bandarras*, os comediographos portuguezes do seculo XVIII, e os philosophos da litteratura de cordel que amarellecia ao sol nas escadas do hospital de Todos os Santos, nos frades de pedra na Ribeira das Naus, ou aos domingos no Cano Real, deixaram-nos, das «franças» e das «sécias», retratos muito menos galantes que os de Boucher, de Greuse ou de Le Sueur, mas muito mais fieis, muito perfeitos e muito mais minuciosos.

O penteado *á la Belle Poule*, segundo uma caricatura portugueza do seculo XVIII (lithographia de Manuel Luiz

A «bandarra» era a elegante do fim do seculo XVII, principio do seculo XVIII. Foi a primeira a resentir-se da corrente de «francezia» que Isabel de Nemours trouxera em 1666 para a nossa côrte. Marca a transição da moda hespanhola da vasquinha e do verdugadim, para a moda franceza do donaire, — das gaiolas de ferro para a barba de baleia, do peso sumptuoso para a leveza galante, do velludo preto para a seda transparente. É Velasquez cedendo o passo a Le Brun. A mesma mania italiana de alongar o busto, que já dominára na elegante da *Carta de guia de casados*, persiste na moda franceza das damas da *Brichota*: o corpete prolonga-se em bico sobre o ventre, os braços parecem curtos, a cintura estreitissima ás portinholas, supplicando um sorriso, uma flôr, uma palavra. Nas modas, como nos usos, a «francezia» accentua-se. D. João V manda vir tudo de França, — desde as cabelleiras até ás camisas. O delirio da imitação de Luiz XIV abre definitivamente as portas aos figurinos francezes. A moda hespanhola, com as suas golinhas, os seus mantéus, o seu tafetá modesto, o seu velludo negro solemne, desapparece de todo mesmo nas camadas mais baixas, — e o typo caricatural, lisboeta, precioso, verdadeiramente adoravel da «França» surge nos serões do Paço, nas missas de S. Roque, nos sermões da Graça e nos arcos do Rocio, como o retratam minuciosamente as *Turinas* ou pragmaticas do tempo, pintado de carmim, coberto de joias, mosqueado de signaes, emplumado de rosicléres.

Uma elegante do fim do seculo XVIII [segundo um desenho a carvão existente no Museu das Janellas Verdes]

pelo contraste com a ampliação tufada do donaire, as joias pesam sobre os cabellos, sobre o collo, sobre as mãos, — a «bandarra» mal pode mexer-se, desfallece, tem de se amparar, e inicia a moda franceza do bastão do punho de ouro. É assim que a Duverger, filha d'uma dama velha de Isabel de Nemours e amante *attitrée* de D. Pedro II, que dava na Lisboa do tempo o *la* das elegancias, entra ostensivamente no Paço a falar com o rei. As cabelleiras começam a complicar-se, — tambem á franceza. Usam-se meias verdes, que é a suprema elegancia, põem-se signaes de tafetá no rosto, — sobretudo ao canto da bocca, diz D. Francisco Manuel, — e passeia-se de côche pelo Rocio, nas berlindas, nos florões dourados ou nas cadeirinhas do tempo, com os galantes ajoelhados

A «França» foi o typo mais persistente e mais duradouro da elegante portugueza do seculo XVIII. Até 1750 ou 1760 constituiu um verdadeiro *cliché*, tão caracteristico como foi depois a «casquilha» de josésinho encarnado no tempo dos francezes, ou como tinha sido antes o typo da *niña Boba* no seculo de Velasquez. Durante quarenta annos o modelo foi classicamente o mesmo: a «França» immobilisou-se no mesmo typo, vestiu-se do mesmo modo, gesticulou do mesmo modo, pensou do mesmo modo. Era uma especie de boneca armada sobre arames, á franceza, com uns immensos *paniers* a que chamavam em Portugal «bambolins», tão monstruosos que não cabiam pelas portas senão de esguelha; um penteado coberto de polvilhos de França, enorme, riçado, en-

canudado, com trouxas ou toucados amarellos «á allemôa», que desde a vinda da rainha D. Maria Anna d'Austria eram a moda suprema; um complicado systema de signaes de tafetá a picarem-lhe o carmim da face, cada um com o seu nome galante, — o *beijocador*, o *tentador*, o *melindroso*; um collete á ingleza com palatina por causa do frio, um grande manto de lustro que descia mais abundante sobre o hombro esquerdo, «*brocheno peito, perolas no pescoço, em cordão negro cruz de diamantes e esmeraldas, um rosiclêr irmão da cruz no topete, luvas de pala e alguns anneis de boas pedras*». Era este o typo geral que lhes impunha a «*Turina fêmea*» e que as «franças» lisboetas mantiveram com uma persistencia admiravel, ampliando cada vez mais os bambolins, levantando cada vez mais o penteado, enchendo-se cada vez mais de joias, — mas não perturbando a linha de conjuncto d'essa figurinha classica de leque de seda, que dançava o minuete ao som da flauta de Lucas Jovini, ia ao Paço a bambolear dentro d'uma berlinda dourada, e tinha a coragem de ficar penteada de vespera, nos dias das procissões, e de dormir sentada n'uma cadeira para não desmanchar a obra prima de cabelleireiro francez Musard, da rua dos Ferros, ou do cabelleireiro Antunes, dos Remolares. Mas o que verdadeiramente caracterisava a «França» não era tanto ainda a *toilette*; eram os habitos, as modas, os ridiculos, as exquisitices. A suprema elegancia para a «França» rica do Paço ou para a «França» pobre do Mocambo, era andar sempre aos *ais*, fingir enferma, fazer boquinhas de jarro, ter ares dengosos de fatigada e olheiras profundas de convalescente. Não fazia mais do que obedecer ao ritual da francezia, que a aconselhava — «*a contar males de que ande molestada ainda que sejam mentira, e a fazer muito por affectar melancolias e dôres de cabeça para o que terá sempre dous parches nas fontes*». Era tão galante, tão distincto para a «França» dizer que tinha estado no Paço a beijar a mão a el-rei, como confessar que padecia de «accidentes uterinos». A moda permittia á elegante portugueza do meiado do seculo XVIII o decotar-se quanto ella quizesse; os frades nem sequer baixavam os olhos, os moralistas não davam por isso: mas ai d'aquella que mostrasse sequer o bico do pé! D'ahi, cuidados excessivos nas descidas dos côches, dos florões, dos estufins, a creada

Uma «França» da primeira metade do seculo XVIII; periodo dos grandes decotes e dos cabellos riçados [segundo uma interessante miniatura em marfim do Museu das Janellas Verdes]

Duas sócias [segundo uma gravura do tempo]

grave logo a conchegar o *guarda-pé* da menina, a puxar-lhe a saia, a ajustal-a ao estribo, não fôsse alguem vêr-lhe a ponta sequer do pé pequenino

Uma bailarina de S. Carlos, no fim do seculo XVIII

Os confessores da «sécia» dão a sua opinião sobre a elegancia das cabelleiras e a belleza dos cortes de seda...

calçado de velludo berne e pousado sobre um tacão alto, obra admiravel dos sapateiros francezes da escola de Choisy, — que, diga-se de passagem, exportavam largamente para Portugal. O galante Montesquieu, nas suas *Lettres Persanes*, surprehende este ridiculo da «françã» lisboeta, e referindo-se aos maridos portuguezes e hespanhoes, commenta: «*Ils permettent à leurs femmes de paroître avec le sein découvert; mais ils ne veulent pas qu'on leur voie le talon et qu'on les surprenne par le bout des pieds*».

Se o *Anatomico Jocoso* nos deixou da «françã» de 1750 pequeninos retratos que são verdadeiros quadrinhos de Greuse ou de Watteau, — o *Theatro* de Figueiredo e os folhetos de cordel dos *poetae minores* de 1780 a 1790 legaram-nos a caricatura preciosa da «sécia», degenerescencia ainda mais ridicula da «françã», mas já sem o caracter de fixidez que manteve o typo d'esta ultima. A «sécia», ao contrario da «françã», não é já positivamente a cristalisação d'um typo de elegante: é mais o nome generico das elegantes da ultima parte do reinado de D. José e do reinado de D. Maria I. Sob o impulso pombalino de nacionalisação e de proteccionismo, o briche, a saragoça, o crespo de Lamego passaram a substituir as sedas e os gorgorões francezes; as modas tomaram um caracter mais nacional e mais grosseiro, e seguindo o exemplo da rainha D. Marianna Victoria nas suas caçadas em Salvaterra, as elegantes de 1770 usaram durante algum tempo amplos capotões e josésinhos de briche, com capuz por causa da chuva.

Depois, o delirio da saragoça passou, graças aos protestos das bellezas profissionaes que frequentavam o Paço e discutiam as modas francezas, hollandezas e allemãs; —voltaram as sedas leves, bordadas a ouro e a matiz, as rendas preciosas; o penteado conservou-se empoado, mas mais baixo, para que as elegantes pudessem passar pelas portas sem fazer cortezias; voltaram as moscas de tafetá que por momentos tinham desapparecido, e os *paniers* diminuiram de amplidão até a um limite compativel com a elegancia dos minuetes do Paço, marcados agora pelo musico David Peres, que ainda hoje se vê, entre as infantas, pin-

tado n'um tecto admiravel de Queluz. Alguns annos a moda conservou-se no *talon-rouge* da imitação franceza; mas depressa se começou a operar uma singularissima transformação. As «sécias» passaram a usar cabelleira postiça como os homens, — «cabelleira de bandas», a tomar attitudes masculinas, a cheirar rapé, a fumar, a abandonar as joias, os brincos, os rosicléres, os tremulos de diamantes, inclusivamente o espartilho, — ao passo que os peraltas se effeminavam, punham fitas côr de rosa no cadogan, usavam moscas de tafetá, carmim na face, brincos nas orelhas, falavam em falsete, e tinham habitos singulares que não honravam a sua virilidade. N'uma curiosissima scena d'uma peça do tempo, *Os Paes de Familias* (anno de 1773), o auctor põe na bocca

A *toilette* d'uma «sécia»: o penteado e a agua-ás-mãos [da collecção Figanière, da Bibliotheca Nacional de Lisboa]

d'um alfaiate ridiculo esta *tirade* extremamente pittoresca, que dá bem a medida da inversão operada nas modas ao expirar o terceiro quartel do seculo XVIII:

«*Vemol-as de casaca, de rabicho,*
Facca de matto, botas, de chapéu,
Sem brincos, nem garganta; e algum tempo
Té faziam a barba, até traziam
Cabelleira de bandas. Ainda as vi
De cabellos cortados sobre o pente,
O corpo á mangalaça, sem feitio.
Nós então é que andámos de espartilho,
E que punhamos côr, branco e signaes;
... cara apolvilhada... isso era de hontem:
E hoje, se repara, com mil tranças
Ornamos as cabeças; grandes pôpas;
Furamos as orelhas: empregamos
Já fitas côr de rosa nas castanhas:
Por fôrmas de sapatos de mulher
Se fazem já os nossos sem tacões;
E se a minha senhora me permitte
Que eu lhe diga a razão porque se apertam
Já os nossos calções cá n'esta altura,
É por não extranhar o cós da saia
Que mais ou menos mez nos cai em casa!»

A «frança» tinha como suprema honestidade não deixar vêr o bico do pé; a «sécia», pelo contrario, arregaçava-se, mostrava a perna, os grandes saltos encarnados dos sapatos, exhibia-se com a maior facilidade do mundo, — e chegava a haver no tempo grupos de peraltas que cultivavam as descidas de côche e de ber-

O toucador d'uma sécia [grav. do tempo]

linda e conheciam as pernas de todas as «sécias» fidalgas de 1780, muito melhor do que os seus proprios dedos. Um folheto de cordel do tempo, *Reflexões feitas pelos paes do voador Peralta* (1784), zela convenientemente a moralidade no tocante ao arregaçar das «sécias»:

> «*O vestido por detraz,*
> *Como a sécia agora o traz*
> *Não lh'o deixe mais erguer;*
> *Porque pode succeder*
> *Irem as saias tambem...*»

Mas se a «sécia» mostrava a perna, já tinha um pouco mais de pudor do que a «frança» no decotar-

tempo chamava «gravata». Ainda assim, os moralistas tiveram que dizer; publicaram-se folhetos sobre folhetos ácêrca da gravata transparente, reclamou-se a sua substituição, exigiu-se que ella fôsse espessa como um burel de franciscano, — e as «sécias» não tiveram remedio senão justificar-se, ou alguem por ellas, n'um folheto intitulado—*Resposta que dão as senhoras mulheres*, dos mais interessantes do tempo: «*Emquanto ao que falei do transparente da gravata, tendes pouca noticia, pois o tempo presente he ainda mais honesto que o preterito; n'aquelle tempo, em que as senhoras não usavão de rebuços por vestirem á Allemôa, aonde sem o obstaculo do transparente lenço tudo se patenteava, e talvez que por lisura*

Uma grande dama do fim do seculo XVIII [retrato existente no Museu das Janellas Verdes]

ou sinceridade os seus peitos manifestavão. Porém agora, que com o vestido da Hungria tudo se crê por fé, como ainda nos criminaes?» O certo é que o esplendor dos decotes, a carnação luminosa e exuberante dos peitos, polvilhada de pós da França e mosqueada de signaes, teve mais força que as mercuriaes da litteratura de cordel, — e se a *écharpe* transparente foi, como realmente succedeu, banida das modas femininas de 1780, não conseguiu deixar em sua substituição... mais do que a pelle gloriosa e branca dos seios. O decote continuou a florescer como no tempo das «franças» — mais amplo, mais rasgado, mais escandaloso; a «sécia» voltou a feminisar-se, a fazer consistir todo o seu melindre nas joias e

A saia de bambolins

se, e não apparecia em publico de seio á mostra como a sua antecessora do *Anatomico Jocoso*. Decotava-se, é certo, mas velava o peito com uma *écharpe* transparente a que a moda do

no penteado, — muito especialmente no penteado; iniciou-se a moda desgraciosa do «*coto*» que Filinto Elysio descreve, n'uma nota, como «*rabicho curto e grosso que era o primor da sécia*»; começaram a usar-se as fitas caidas pela testa abaixo, «*moncos de pirum dependurados*» como lhe chamou um poeta do tempo nas *Queixas de Clarindo*, e a caricatura da elegante de 1790 surge nos versos d'outro folheto de cordel, *A Mulher da Moda*, com a graça ligeira e colorida d'uma aguarella:

«Riçada pôpa té aos olhos corre
E no preto sobrolho o crespo morre;
De estreita fita laço desmarcado
Pede a moda que seja posto ao lado;

pellinhos de palha «grimpados no alto da cabeça»; dos toucados enormes armados *à la Belle Poule;* das trouxas, dos polvilhos, dos riçados, dos frisados, dos encanudados; das testas enormes feitas á custa do *bor-de-front* das cabelleiras; dos edificios de cabello tão altos e tão monstruosos, que as «sécias» andavam sempre martyrisadas de enxaqueca e os tejadilhos dos côches cheios de pomadas e de pós:

«... mandam tirar as almofadas
Das carroagens, as que as vão toucadas,
Porque não vá tocar nos tejadilhos
Já brancos da pomada e dos polvilhos.»

Feita a renovação no penteado pelo cabelleireiro francez Leo-

Uma «frança» do tempo de D. Jo'o V: rosiclêr, signaes de tafetá, pose grega

Sumida... elha deixa vêr luzido
Hum brinco tão disforme e tão comprido,
Que se o uso não fosse um justo ensaio
Mais par'cia prisão de papagaio;
Tufado papo que a dextreza amára
Lhe dá o que a natura lhe negára:
De pia alguns accusam tal usança,
Mas não olham que a moda vem de França».

A França continúa a ser a alma das elegancias lisboetas; vem ainda de França a moda dos chanard, que substituiu pelo penteado *á creoula* as *trouxas* enormes do seculo XVIII, a «sécia» passou a ser menos ridicula; os bambolins começaram a desapparecer nas saias; os polvilhos do antigo regimen voaram na aza da Revolução; a «modinha brazileira», infiltrando de sensualidade a elegante de 1790, iniciou a licença do Ramalhão e de Queluz, — e Pina Manique, temendo a dissolução do fim do seculo, o *maillot* côr de rosa das elegantes de 1806, as damas *à la Titus*, como lhe chamou Filinto, com anneis

A elegante do tempo de D. Maria I (a *écharpe* e o penteado de trouxas)

nas mãos e nos pés, «*dans les pattes de devant et dans les pattes de derrière*», como a Tallien, — Pina Manique assestou a sua luneta de punho d'ouro, d'um vidro só, e preparou-se, gravemente, solemnemente, para fazer sa-

«*Para atalhar d'esta corrente os diques,*
Nem os vigilantissimos Maniques...»

A litteratura de cordel continuou — cousa curiosa! — no seu ininterrompido papel de poder moralisador; tocavam os sinos, noite e dia, na religiosa Lisboa; os frades inundavam as ruas; a rainha, no Ramalhão, de turbante de plumas, presidia á sua côrte de bolieiros, de egoariços e de mendigos; e á roda do Terreiro do Paço, em côches bamboleantes, com a figura branca

hir d'um camarote de S. Carlos a condessa da Ega, decotada mais do que era permittido, e do Passeio Publico a amante de Marcos Portugal, — uma franceza que apparecera em Lisboa com pantalonas côr de carne, a saia aberta ao lado, d'alto a baixo, e um fecho de diamantes na curva da perna direita...

Um arbitro feminino da elegancia na Europa: Maria Antonietta

de Venus nas portinholas douradas, as «casquilhas» de 1800, herdeiras das «sécias» de 1780 e das «franças» de 1751, começavam a exhibir, em pleno dia e em plena côrte, a baeta sangrenta dos seus josésinhos vermelhos...

JULIO DANTAS.

A leôa *Norah*, mãe de 39 filhos

Parece que o sangue febril dos leões se transformou no mais authentico capilé d'avenca em presença d'esta *mademoiselle* Marguerite, dinamarqueza, e que fala um francez aspero como uma lixa. Eu mesmo, depois de a ouvir chalrar, julgo que trago uma cega-rega nos ouvidos. Mas o que mais me perturba e me espanta, n'este momento mesmo em que estou tão longe da jaula como longe estou de ter cem contos de réis, á minha ordem, no Banco de Portugal, é o sangue frio e a minha coragem quando *mademoiselle* me fez acariciar o pello fulvo do seu leãosinho de onze mezes. Confesso que tive medo; onze mezes de leão é já tirocinio bastante, creio eu, para esfrangalhar a carne a um pobre diabo de mortal que vae, com a sua simples bengalinha inoffensiva de passeiante, passar a mão pela cabeça de uma fera,— mesmo de mama.

Mas *mademoiselle* Marguerite ironicamente fita em mim os seus grandes olhos espantados de corça. Lembrei-me, n'um relampago, d'aquella lição dada pelo Vautrin ao Rastignac n'um minuto de bom humor e com a sua arguta observação de emerito grilheta: «A mulher acha-se tão bella e tão feliz ás horas em que é forte, que prefere a todos os homens aquelles cuja força é enorme ainda em risco de elles a despedaçarem.» Não havia remedio senão fazer das tripas coração,—e abaixei-me até ao terrivel e formoso animal antes que elle se levantasse para mim. Era o melhor caminho a seguir,—o melhor e o mais prudente.

Com uma desenvoltura e uma graça que lhe estão mais nas maneiras e nos gestos que propriamente na sua planturosa figura physica, *mademoiselle* Marguerite conta-me a sua historia. A essa hora do dia, o vasto circo parece dormir ainda o somno fundo dos vagabundos que se deitaram com o apagar da derradeira estrella no céo. Apenas, de vez em quando, uma martelada sôa longe, no charco de treva que alastra no abysmo do palco cuja larga bocca se abre, escancarada. Um urro de fera atravessa o espaço como um lamento arripiante.

E *mademoiselle* Marguerite conta sempre, no seu francez arrevesado, como quem raspa a unha na cal de uma parede.

—Ha doze annos que trabalho com leões. Eu mesma os domestico, comprando-os de tenra idade, habituando-os á minha presença, brincando com elles, dando-lhes de comer e de beber...

São os filhos de *mademoiselle* Marguerite, que ella acarinha e acalenta como a mãe aperta nos braços a carne da sua carne e o sangue do seu sangue. Para chegar a este sympathico e agradavel convivio, a domadora tem de buscar todos os estratagemas pueris, as extravagancias mais ingenuas; e é assim que a ferasinha se acostuma, se identifica com o seu novo modo de vida, de maneira a não crear de futuro graves embaraços na existencia da artista,—o menor dos quaes seria dilaceral-a, transfigural-a, mutilal-a.

Mas nem tudo são rosas n'este officio. O leão, mesmo domesticado, fica sendo um *leão*. De modo que, para matar saudades, o atavismo da raça muitas vezes se manifesta sob a fórma de garra que se estende, n'uma ancia avida de despedaçar, ou de fauce que se abre e se fecha n'um segundo e, quando menos, leva um dedo, o nariz, uma orelha, qualquer appendice com que o chamado rei dos animaes se delicia todo e com que todo se lambe...

Mademoiselle Marguerite já pagou o seu tributo.

—Tive um leão magnifico que me morreu ha seis mezes em Buenos-Ayres. Nunca me poderei esquecer d'elle... Quer vêr?

Arregaça a manga do vestido:—é uma larga cicatriz, a carne toda franzida e roxeada. Na mão esquerda falta-lhe um dedo, cortado pela segunda phalange.

—Mas felizmente a cara está salva, diz ella, n'uma radiação de felicidade.

E accrescenta, bonacheironamente, a sorrir:

—Ossos do officio...

Ossos e carne, *mademoiselle*, que é comida predilecta de leões. E tambem leite; porque estes o bebem, mas só aos domingos e dias de festa. O leite é alimento de

Mademoiselle Marguerite com os seus leões, na jaula—*Photographia tirada á luz artificial*

luxo para feras. A domadora lamenta-se porque a carne de vacca é muito cara em Portugal.

—Gasto 60 francos por dia com os leões!... Ainda se houvesse carne de cavallo, como nos outros paizes onde tenho estado... E' muito mais barata.

Não, *mademoiselle*; aqui só se come o cavallo em salame. E' uma delicia... mas muito cara!

Volta de novo a palestra ao modo como se domesticam os leões:

—Uma coisa curiosa... Quer saber qual é o primeiro instrumento com que se entra n'uma jaula?... E' uma cadeira, uma simples cadeira! A fera começa por farejar de longe o objecto; depois vae-se approximando lentamente, rastejando, com infinitas precauções. Até que acaba por investir com ella. Vira-a de todos os lados, como as creanças viram um tambor a vêr d'onde é que sae o som. E como ellas nunca chegam a descobrir esse feitiço, a fera tambem fica tendo um medo, que se poderia dizer supersticioso, áquella cadeira mysteriosa por onde enfia a cabeça sem chegar a descobrir d'onde o mal poderá saltar e sob que aspecto...

A grande bacia do circo, com a luz coada pelo amplo tecto de vidro, aclara-se mais. Começam os ruidos da faina a repercutir-se por todos os cantos do largo bojo do monstro. Musicos tomam os seus logares na orchestra e afinam os instrumentos para o ensaio. Perto de nós irrompe de chofre, em tropel, meia duzia de inglezitas, de saia *trotteuse*, chapeus extravagantes com grandes véos cahidos para as costas, fluctuando como flammulas, o labio erguido n'um riso esperto, os olhos faiscantes de prazer, falando, gesticulando, fazendo baixar os assentos das cadeiras com um estrepito secco de ferragens. Dir-se-hia que entrou um regimento!

Mademoiselle Marguerite leva-me para junto da jaula dos leões, onde o *Sultão* se estende preguiçosamente, com a grande juba fulva arrastando como um manto, os olhos amarellos e brilhantes muito abertos. Na outra extremidade, e separada por uma grade, *Norab*, a leôa, que já teve 30 filhos—respeitabilissima mãe de familia!—está sentada sobre as patas trazeiras, o largo focinho encostado aos varões de ferro, espreitando.

—Não se approxime, grita-me a domadora.

Isso approxima elle! Diz-se que com doidos nem para o céo; pois com leões nem a dois metros de distancia se está seguro,—mesmo com elles engaiolados.

Entretanto, demoro-me agora a olhar mais para a domadora do que para a fera. Nem me importa mesmo o espectaculo enternecedor do enorme cão dinamarquez affagando e lambendo o pequeno leão de onze mezes, com quem vive na mesma estreita jaula e, ao que parece, na mais intima e affavel camaradagem. *Mademoiselle* Marguerite, assim de pé em toda a sua elevada estatura, bem feita de corpo e bem cingida no seu vestido de seda de um castanho tostado, a cabeça grande e a cara larga, dá-me subitamente, nitidamente, não sei por que phenomeno de approximação, a impressão de uma leôa forte e serena. Só lhe falta a cabelleira fulva para tornar mais completa a illusão!

... Mas quando ella, á noite, diante de milhares de olhos attentos, entra, sorrindo como uma conquistadora victoriosa, na jaula, o seu *stick* elegante e o seu vestido de cauda rojando e, com a sua fina mão enluvada acaricia as fauces escancaradas da fera sua amiga, que a lambe carinhosamente, sente-se bem que essa leôa feminina ha de ser mais difficil de domar que o terrivel e quasi legendario leão do Atlas.

José Sarmento.

O *Sultão*

CASCAES PRAIA DA CORTE

[CLICHÉ DE JULIO WORM]

Cascaes resente-se, ainda hoje, do caracter intimo e familiar que teve nos seus principios. Era mais um piquenique que demorava mezes do que uma *season* n'uma praia da côrte. As poucas familias que iam ali veranear tinham uma vida semcerimoniosa. Havia poucas *toilettes*, tratava-se mais da saude do que dos divertimentos. Nasceu a «Parada» o Sporting Club, *cercle fermé*, ainda ha pouco tempo, de entrada quasi tão difficil como uma iniciação no templo d'Eleusis. Não se exigiam os setenta e dois quarteis de nobreza de que fala Voltaire, mas pouco menos. É certo que, ás vezes, havia batota: o cerbero heraldico dormia.

O caminho de ferro escancarou as portas d'esse Eden, primitivo como o da Biblia. O Mont'Estoril, risonho, civilisado, encheu se de gente elegante. Abriram-se casinos, appareceram *toilettes*. Cascaes transformou-se. O snobismo vivificou-o. O snobismo é um dos mais activos factores do progresso. Fez o triumpho de Wagner e Cascaes. Quem quer fazer relações vae para Cascaes, frequenta a praia, arranja ser socio da Parada. Ali, a etiqueta relaxa-se. Na promiscuidade dos toldos, de manhã, dos clubs, á noite, é facil passar-se do cumprimento de cabeça ao *shake-hand* formal.

Ao nucleo primitivo, vieram juntar-se o resto da sociedade e os *snobs*, os que queriam dizer aos amigos, aos conhecidos:—Estou em Cascaes. Dizia hoje El-Rei, na Bocca do Inferno. . .—E adquire-se o habito de designar os grandes titulares pelo seu nome de baptismo, o que dá tom na rua dos Retrozeiros.

Ainda augmentou a população com a gente que a moda e medicina condemnam a sair de Lisboa, no estio, e as occupações obrigam a permanecer na capital, gente que se alastra do Dáfundo a Cascaes, postos de lado como excessivamente *pires*, Pedrouços, Bom Successo e Algés, praias concorridissimas ha vinte annos. Diziam as chronicas elegantes: «Partiu para Pedrouços o opulento capitalista F.—Vae passar a estação estival em Algés o sr. conselheiro A.» Todos esses capitalistas e conselheiros avançaram: vie-

ram até á Enseada Azul, que comprehende as praias que de Cascaes a Parede bocejam, reflectindo, no mar florido de espuma, os seus predios horriveis.

Mas, apezar da concorrencia, Cascaes conserva-se familiar. Os que para lá vão contentam-se em geral com cochichos, com pessimos hoteis; faz-se uma vida sem grande dispendio. Ha um reduzido numero de familias que habita em predios confortaveis. O luxo asiatico, de satrapa, é uma carruagem com rodas *cautchoutées*. Uma festa da sr.ª condessa d'Almedina ou da sr.ª condessa de Santar são clarões luminosos n'uma noite escura. Vive-se, então, n'uma praia da côrte.

O vice-presidente, da camara sr. Domingos de Freitas, saudando S. M. a Rainha na sua chegada a Cascaes, no regresso de Cintra

Em regra, em Cascaes, ninguem tem casa para receber. Vive-se no provisorio, e cada um decidido a rir-se da propria falta de conforto, das janellas que não fecham, dos tectos que não tapam, das escadas por onde é milagre subir-se...

Floresce, ali, a classica «casa de praia», com moveis primitivos, espelhos que guardam ciosamente as imagens e as não reflectem, camas claudicantes, colchões inhospitaleiros. No Mont'Estoril, as casas são feitas com processos um pouco mais modernos. E, embora a architectura accuse, em geral, o gosto mestre-d'obras, tão apreciado pela burguezia liberal, as portas não empenam, as portas não arregoam em frinchas, a cubagem d'ar, nos quartos, é razoavel, e em volta dos predios ha alguns metros de jardim, que aformoseiam essa estancia e a tornam o mais aprazivel logarejo que tem Portugal, se não pensarmos na carencia d'agua e consequente abundancia de pó.

El-Rei regressando de bordo do seu *yacht* á Cidadella

A's vezes, de manhã, El-Rei vae para a praia atirar ás gaivotas...

Da inhospitalidade das casas deriva a vida nos casinos e na rua, a monotonia da estação, em que o primeiro dia se parece tanto com os outros, que poderia pensar-se ter passado apenas um dia, muito longo, horrivelmente longo, no fim do verão e ter-se a illusão, por opposto motivo, do

Na praia — Grupo de elegantes

monge de Bernardes que passou duzentos annos a ouvir um rouxinol.

Digna da architectura é a administração, que deixa tudo ao Deus-dará, recuando nos processos de limpeza, procurando afugentar os visitantes, com uma inconsciencia notavel dos interesses dos municipes e dos primordiaes principios de philantropia.

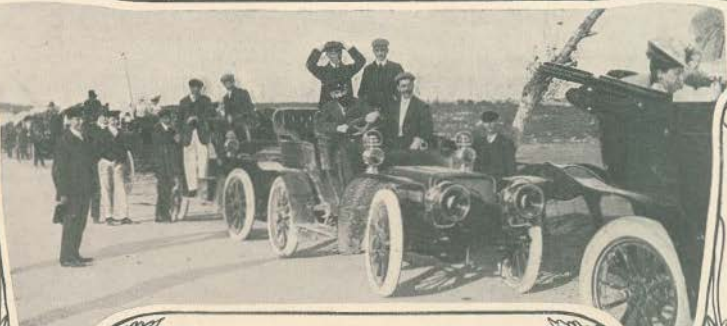
A *season*, em Cascaes, começa, verdadeiramente, quando Sua Magestade a Rainha chega de Cintra. A presença da Augusta Senhora dá á praia a sua alta e verdadeira distincção.

E' sempre em fins de setembro. Sua Magestade faz uma vida retirada, apenas recebendo, nas terças feiras, as pessoas que teem a honra de a poder cumprimentar. De manhã, sae de carruagem com a sua dama e vae até o pinhal da Guia, seu passeio favorito, que repete á tarde. As vezes vae para o mar no seu *yacht Maris Stella*, delgada flôr de prata que desliza.

Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia sae á tarde do paço do Estoril, de carruagem, tambem em direcção á Marinha. A' volta, caminha muito tempo a pé.

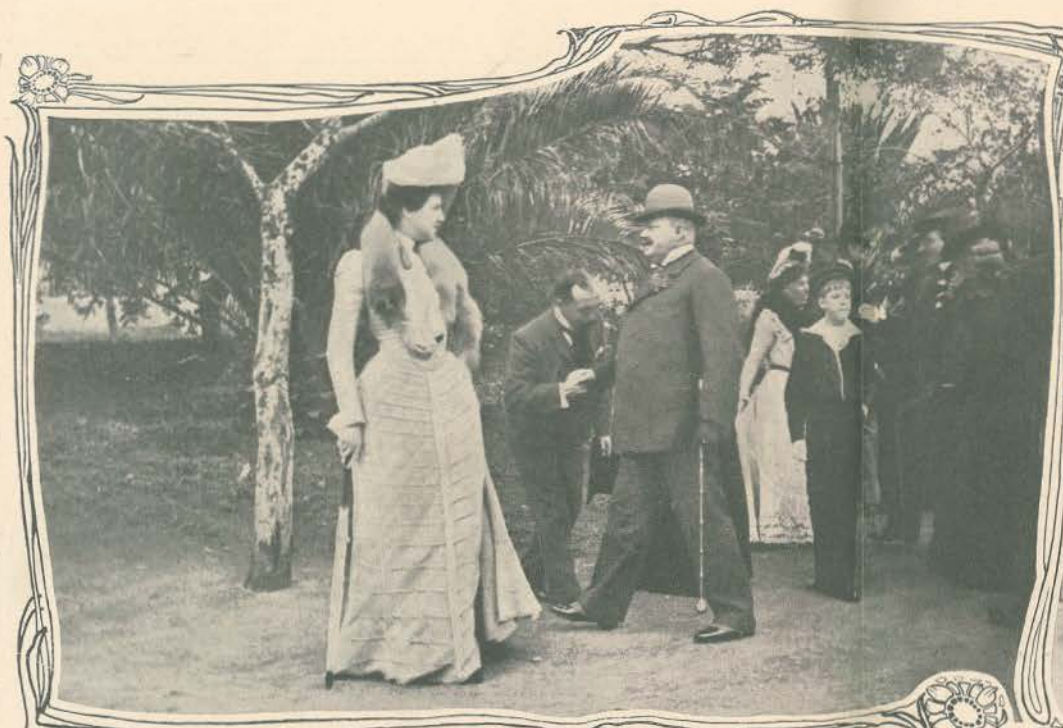
Sua Magestade El-Rei, logo de manhã sae, ou para o mar, ou, só,

D. Fernando de Serpa cumprimentando madame Francisco Figueira

Um aspecto da varanda do Tiro aos Pombos

Os *sportmen* Carlos Bleck e Rodrigo Peixoto
no seu automovel Richard-Brazier

A caminho da Bôcca
do Inferno

Aguardando a salcha no rio
dos Algarves

A hora do banho na praia—[Debaixo dos toldos]

Suas Magestades n'uma festa de caridade no jardim da Parada—S. M. El-Rei no Sporting (*Cliché de Benoliel*)—Passeio a cavallo de S. M. El-Rei—A praia, de manhã—S. M. El-Rei, na praia, em dia de Regata—Vista de Cascaes tirada do Parque—S. M. El-Rei remando, á hora do banho—Boca do Inferno (vista exterior).

(CLICHÉS DO AMADOR SR. JULIO WORM)

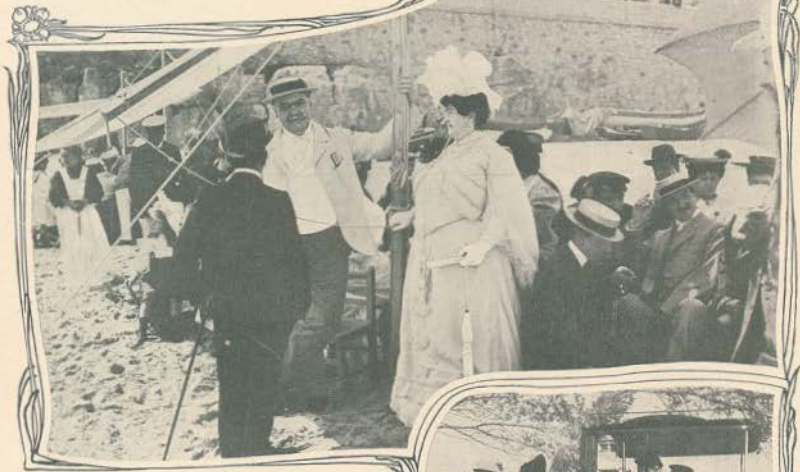
n'uma victoria; á tarde passeia muitas vezes a cavallo.

Depois do almoço, S. M. vae, ás vezes, á Parada jogar algumas partidas de *tennis*, competindo com vantagem com os melhores jogadores d'aqui.

S. M. é assiduo frequentador do Tiro aos Pombos onde, com facilidade, vence os mais peritos.

Á noite, a familia real reune-se na Cidadella, com excepção de S. M. a Senhora D. Maria Pia, que, como é sabido, ali não tornou a entrar desde a morte do Senhor D. Luiz. Ha partida de *bridge*.

Do almoço até ás quatro horas é impossivel encontrar alguem. Uns dormem, outros lêem, os homens vão para Lisboa, alguns porque teem que fazer, outros para passar o tempo.

A's quatro começa a povoar-se o jardim do *Sporting;* agitam-se *raquettes* nos *lawns* de *tennis*, retouçam creanças, correm as bolas do tradicional jogo da bola. A malha, tão portugueza, que obriga os corpos a attitudes elegantes, como a d'um dos Discobulos — o que é o jogo da malha senão uma transformação do disco hellenico? — a malha foi rudemente banida por excessivamente popular.

Ahi vem Sua Magestad ; D. Thereza Calheiros [Guarda] e sr. José Monteirol — O Monte Estoril... em Cascaes

O sr. José Lino, esposa e M.me Max Abecassis na sua Dion-Bouton -Laudonnet

SS. AA. o Principe Real e o Senhor Infante D. Manuel passeiam muitas vezes, acompanhados pelos dignitarios. Durante o dia jogam o *tennis* no *court* da Cidadella.

Sua Alteza o Senhor Infante D. Affonso vae todas as manhãs á praia e á tarde passeia, quer d'automovel, quer de *break*.

A vida, em Cascaes, é um pouco monotona. De manhã, a praia, onde os pequenos toldos, apinhados de gente, são fornos onde se cozem os *pães* e mesmo os que o não são. Conversa-se; flirta-se; apontam-se kodaks; até ha quem tome banhos de mar! Um pouco de *yachting*, principalmente por senhoras. Ha toldos chics e toldos que o não são. Ao domingo, a affluencia de gente provoca a mistura. Ha quem a ache a abominação das abominações.

Jogam-se torneios terriveis de *tennis*, em que sobresae

Uma sessão elegante no Tiro aos Pombos—[Um pombo que foge...]

Na praia — Leitura ingleza

Um cavalleiro elegante — O sr. Oscar Blanck

a pericia da sr.ª D. Thereza Calheiros e da sr.ª D. Anna de Sousa Coutinho.

Depois, o passeio classico da Bocca do Inferno, onde se discute, se sonha, se namora, e um ou outro olha para o sol poente que tinge o mar e o céu de tintas leves, magentas, roseas, tão finas que se dirá que um jardim se volatilisa.

Ao cair da noite, a obrigatoria parada no passeio Maria Pia, cumprimentos, exhibição dos que não quizeram ir á Bocca do Inferno, combinações para a noite. É um supplicio. Ha poucos bancos e muitos grupos. Mas continúa a fazer parte do programma obrigado; é crime de lesa-elegancia faltar seguidamente a esse *vanites fair*.

Uma ou outra vez, uma pausa, um *tea* elegante, entre os quaes se destacam sempre os da sr.ª D. Josephina Ribeiro da Cunha, alguma festa, como a que no anno passado se fez no Tiro aos Pombos, devida á iniciativa caridosa e intelligente da sr.ª condessa de Sabugosa, a mais linda festa que temos visto em Cascaes.

Á noite, a Parada, o centro elegante, que a actividade do sr. D. Manuel de Menezes tem remoçado, que reune *toda a espuma*, e começa a affirmar-se com festas que virão a ser a *great attraction* da Enseada Azul. A Parada modernisa-se, democratisa-se. Não é um club fechado absolutamente. Não é preciso ter exercicio no Paço para lá entrar, embora não seja publico.

O automovel do sr. E. dos Santos a caminho de Cascaes

Para ali faz-se *toilette*, quasi como para uma festa. Os leves e elegantes chapéus da noite florejam nas cabecinhas inquietas. Os vestidos claros dão mais alegria á sala clara. Formam-se grupos, que já teem alcunhas. Dança-se, joga-se o *bridge*, lêem-se jornaes, faz-se má-lingua. Um pouco de tudo.

Ultimamente tem tido uma enorme affluencia o *Peixe-frito*, a musica no passeio Maria Pia. Em que consiste o divertimento é difficil dizer-se. Sentam-se em cadeiras incommodas, conversam pouco porque a musica mal deixa ouvir, não ouvem musica porque a conversa não permitte.

Eis a vida de Cascaes. Alguns fogem um pouco da sociedade, descançam. Passeiam pelos pinhaes, isolam-se a vêr o mar tão azul e tão quieto n'esta Enseada Azul maravilhosa. Outros sahem nos seus *yachts*, em *parties* intimas. Lê-se pouco. A visinhança do mar maguado adormece os cerebros. Sonha-se muito. Á beira-mar construem-se castellos... na areia.

HENRIQUE DE VASCONCELLOS.

Jubileu de Ellen Terry

O maior acontecimento theatral da presente *season* em Londres foi a celebração do jubileu de Ellen Terry, a notavel interprete de Shakespeare, a que os criticos chamam «Rainha dos corações».

A idéa, que partiu dos mais novos jornaes londrinos, tendo á sua frente «*The Tribune*», a grande folha que tanto a peito toma o theatro, foi enthusiasticamente abraçada pelo mundo official, pelo da arte e por toda a gente que fala inglez, quer do velho quer do novo mundo.

A commemoração fez-se em *matinée* para que artistas celebres inglezes e estrangeiros pudessem tomar parte sem prejuizo dos seus contractos. A sala escolhida foi a do velho theatro classico de drama, gentilmente cedida pelo seu sympathico director M. Arthur Collins, a quem tive o prazer de ser apresentado.

O theatro Drury-Lane, cuja data da fundação se desconhece, ardeu duas vezes, em 1671 e 1809. O actual, que substituiu o primitivo campo de gloria de Shakspeare, n'uma hora reduzido a cinzas, foi aberto em 10 d'outubro de 1812, dizendo lord Byron no discurso inaugural: — «... Um novo edificio está construido; será elle digno de Shakespeare e de vós? Sim, sel-o-ha... a magia d'este nome desafia a foice do tempo e o facho do incendio... É elle que consagra este theatro, e que fará reviver o drama no logar em que estava. Um tempo propicio pode fazer viver aqui nomes tão bellos como os que foram a gloria do edificio incendiado. Foi no Drury-Lane que a arte da Siddons commoveu os corações ternos e perturbou os mais insensiveis; foi no Drury que brilharam os ultimos laureis de Garrick: foi aqui que o nosso Roscius vos fez, em lagrimas, as suas despedidas: mas o merito, vivo, não deve renunciar a corôas que até aqui apenas ornam o tumulo dos mortos. Drury assim ousa pretender...»

E Byron foi propheta mesmo na sua terra, pois logo a 26 de janeiro de 1814 ali se estreava no papel de *Shylock* Edmundo Kean, esse astro da scena ingleza, e outros se lhe seguiram de que destacaremos apenas Henrique Irving e Ellen Terry, cujo jubileu artistico ali se acaba de celebrar.

Duas palavras apenas sobre esses cincoenta annos de palco. Ellen Terry, a mais notavel d'uma numerosa familia de artistas a que pertencem misses Kate e Marion e Mr. Fred Terry, é filha de dois artistas de theatro que se achavam contractados em Coventry, quando ella nasceu em 27 de fevereiro de 1848. Aos oito annos fez a sua estreia

Margarida — Sans-Gêne — Alice — Portia

(28 de abril de 1856) no papel de *Mamillius* do *Conto de Inverno* (Shakespeare), no theatro da Princeza de Oxford Street, na presença da familia real e sob a direcção de Carlos Kean, filho do grande actor. Após cem representações da sua primeira peça, fez, já com successo, o demonio *Puck* do *Sonho d'uma noite de verão* tambem de Shakespeare.

Desempenhou ali varios papeis, até que aos dez annos (18 de outubro de 1858) toda a imprensa elogiava a sua interpretação do *Principe Arthur* no *Rei João*.

Depois da sua primeira *tournée* de alguns mezes, reappareceu no Royalty de Londres (1861). Tendo estado no theatro real de Bristol, foi em 1863 inaugurar o novo theatro real de Bath. E. Terry volta a Londres para o Haymarket, onde, só com 15 annos, creou a heroina do *Pequeno thesouro*, versão de *La joie de la maison*, e muitas outras peças.

Em dezembro de 1867, no theatro da Rainha, representa *Catharina e Petruchio*, em que pela primeira vez desempenha o primeiro papel ao lado de Henry Irving. Esteve algum tempo retirada da scena, voltando depois a este mesmo theatro.

Passára o periodo de provação. O successo marcara-a como a maior actriz shakespeareana da segunda metade do seculo XIX.

Mr. e Mrs. Bancroft fizeram *reprise*, no velho theatro Principe de Galles, do *Mercador de Veneza*, e o mundo theatral deve-lhes a memoravel noite de 17 de abril de 1875, em que E. Terry personificou *Portia*, a extraordinaria interpretação que assombrou Londres, a provincia, o Canadá e os Estados-Unidos.

Quando em 1877 trabalhava no theatro da Côrte, foi no 1.º de março fazer a sua primeira apparição no Drury-Lane, como *Clara Douglas*, na bella peça *O Dinheiro*, em beneficio de H. Compton, voltando logo ao seu theatro.

Vem depois a sua creação de *Olivia* (o vigario de Wakefield) em que a excepcional belleza do seu trabalho, após uma *season* em Londres, foi deleitar, em centos de audições, a America e a Inglaterra toda. *Olivia* marcou na carreira da artista, pois lhe trouxe o convite de Irving, que tomou a direcção do theatro Lyceu (1878), fazendo Terry *Ophelia* com successo enorme durante 108 noites, apesar de o *Hamlet* ter sido dado por Irving 200 vezes seguidas — o seu maior *record!*

Miss Terry continuou no Lyceu até á sua demolição em 1902, representando entre muitos outros os seguintes papeis: «Portia» no *Mercador de Veneza* (1879) 250 noites; «Desdemona» no *Othello* (1881); «Julietta» no *Romeu e Julietta* (1882) 160 noites; «Beatriz» em *Uma tempestade n'um copo d'agua* (1882) 212 noites; «Olivia» (1885) 135 noites.; «Margarida» no *Fausto* (1885) 396 noites; «Macbeth» (1888) 151 noites; «Rainha Catharina» em

Beatriz — Rainha Catharina — Madame Sans-Gêne — Macbeth

Henrique VIII (1892) 2(3 noites; «Cordelia». no *Rei Lear* (1892); «Fair Rosamond» em *Becket* (1893) 112 noites; «Nance Oldfield» (1894); «Guinevere» no *Rei Arthur* (1895); «Imogenia» em *Cymbeline* (1896); «Madame Sans Gêne» (1897); «Clarisse» em *Robespierre* (1899); «Volumnia» em *Coriolano* (1901); e «Rainha» em *Carlos I* (1902).

Durante estes 24 annos de palco em Londres, fez algumas *tournées*, de que destacaremos a de Leeds, onde foi crear uma das suas corôas — «Beatriz» (1880). A sua primeira visita á America foi em 1883, representando *Carlos I* em New-York. Em 1896 interpretou com Irving, em Chicago, *Godefroi e Yolanda*, peça de Laurence, segundo filho do grande actor.

Terry fez «Mistress Page» na *reprise* das *Alegres comadres de Windsor* no theatro de Sua Magestade (1902). Depois (1903) tomou o theatro Imperial onde deu *Os Vikings em Heligoland*, de Ibsen. A sua ultima creação foi a heroina da peça *Conversão do capitão Brassbound* no theatro da Côrte.

A celebração do jubileu attingiu as proporções d'uma festa nacional. Artistas como a Siddons, cujo retrato figura na collecção da Galeria Nacional, foram o idolo d'uma facção, mas nenhuma foi nunca estimada com tão ardente e sincera unanimidade como E. Terry. Da Inglaterra inteira foi gente applaudil-a e o theatro pareceu pequenissimo; exgotados rapidamente os bilhetes numerados, a massa de curiosos appellou para os das galerias, que em Londres só se vendem no momento da entrada. Um recurso apenas lhes restava — fazer sentinella á porta, e assim foi. Os primeiros degraus foram pacientemente tomados 24 horas antes! O grupo foi crescendo e, devendo começar a *matinée* ao meio-dia, ás 6 horas da tarde anterior já ali havia 800 pessoas, á meia-noite 2:000! Não o teria acreditado se a essa hora não fôsse visitar o que um jornal chamou — o acampamento do jubileu. Era realmente original; a policia dizia que jámais vira um tal enthusiasmo por uma

Ellen Terry nas «Alegres Comadres de Windsor»

recita. Por todas as ruas visinhas se viam grupos conversando, cantando em côro, bebendo e comendo de farneis, jogando ou dormindo envoltos em cobertores. Vendedores ambulantes de chá e café fizeram bom negocio. Quando ao romper da manhã os lojistas quizeram abrir as portas encontraram se em es-

Ellen Terry no papel de «Imogenia» [desenho de Alma Tadema] — N. de «Beatriz» [desenho de B. Partridge]—No de «Olivia» [desenho de Edwin Abbey] — No de «Clara Douglas» [desenho de W. Orpen]

Ellen Terry em «Lady Macbeth»—por J. M. Sargent

tado do sitio. A popular artista viu aquelle espectaculo d'uma janella e o emprezario M. Collins, chegando pelas 4 horas da manhã, contractou com uma loja proxima um serviço de café e pão ao publico que assediava o seu theatro. Ás 10 horas abrem-se as portas, todos se precipitam na galeria, onde, na maior parte de pé, passam mais duas horas e depois, em crescente enthusiasmo, as 5 que durou a festa! Foi um verdadeiro *record* de resistencia.

Lá dentro, o espectaculo era empolgante. Tudo que Londres tem de mais distincto na aristocracia do sangue, do dinheiro, das lettras e artes, ali foi curvar-se perante a mais encantadoramente intelligente e illustrada comediante de Inglaterra. A representação foi das que se vêem uma vez na vida, porque só n'uma *season* de Londres e com esforço gigantesco se poderiam reunir n'uma *matinée*, a par de todas as celebridades inglezas, as francezas e italianas que ali se encontravam, chegando a Duse a ir de Florença prestar o seu tributo de admiração pela irmã na arte.

Abriram o espectaculo M. Fragson (canção) e Mrs. Patrick Campbell (versos). Seguiu-se a peça *Audiencia de Jury* em que tomaram parte os auctores, miss Ruth Vincent, M. Barrington, C. ounds, W. Passmore e, como testemunhas, jurados e assistentes, celebridades dos theatraes de todos os generos e até damas e cavalheiros da sociedade.

Coquelin *ainé* e Jean Coquelin representaram depois uma scena do *Casamento forçado* de Molière.

O numero mais original foi o dos *Quadros Vivos*, em numero de 12, verdadeira exposição de belleza britannica, compostos por artistas da Real Academia sobre quadros dos melhores museus. Mereceram especial menção: *Bellezas Rivaes* (miss Collier e Edna May) por sir Alma-Tadema, *Damas da côrte de França apresentando a auriflamma a Joanna d'Arc* (miss L. Braithwaite) por M. P. Macquoid; *A Santa Madona* (The Blessed Damoel) (miss J. Neilson, etc.) por M. B. Shaw; e *Mocidade da Rainha Victoria nos jardins do palacio de Kensington* (miss M. Moore, etc.) por sir J. Linton, que despertou no publico um fremito de enthusiasmo.

M. Seymour Hicks, um dos mais notaveis comicos, fez, com um grupo de formosas coristas, uma scena da opereta *A belleza de Bath*.

Versos por madame Réjane e terminou a primeira parte com uma scena da *Escola do escandalo*, pelos grandes actores C. Wyndham, Bourchier e G. Alexander.

Vem depois o numero de maior sensação, 1.º acto de *Uma tempestade n'um copo d'agua* (Shakespeare) por miss Terry, mais 22 membros da sua familia e outros distinctos actores. O papel de *Beatriz* é uma das suas corôas e Terry nunca o representára com mais talento, arte, graciosidade e desenvoltura.

Baile por mademoiselle Genée e M. Lundberg; um solo por Caruso acompanhado pelo maestro P. Tosti; canção pela interessantissima Elaline Terriss e brilhante côro.

Seguiu-se o originalissimo *Intermedio de Ministrel* em que, sob a direcção de Seymour Hicks, todos os bons actores comicos d'opereta ingleza executaram canções, coros e danças de pretos. A graciosissima Gertie Millar cantou uma canção hollandeza e a parte artistica foi encerrada pelo bello *diseur* M. L. Waller, eram 5 e meia da tarde.

Ellen Terry — Um bilhete postal do jubileu

Teve depois logar o que o programma chamou recepção. Lady Bancroft a aristocratica ex-emprezaria de Terry prestou-se a ir fazer o elogio da actriz e dos seus 50 annos de theatro. A um signal do seu leque correu a cortina d'um grande quadro dourado, apparecendo então Ellen Terry sentada n'um throno junto do busto de Shakespeare e rodeada de todos os artistas que tinham tomado parte no espectaculo e ainda Duse, J. Hading e toda a grande commissão da recepção composta de notabilidades do mundanismo, lettras e artes. Na sala deu-se uma verdadeira explosão de enthusiasmo e lady Bancroft, com a sua voz melodiosa e encanto pessoal continuou o seu *speech* em que chamou a Terry a *Suave e doce alma do velho Drury*.

Miss Terry, rodeada de flôres, dominando a commoção e por entre lagrimas d'alegria beijou a mão de lady Bancroft e com ternura infinita agradeceu a todos que contribuiram para o brilhantismo da sua festa despedindo-se do publico, não para sempre, mas até breve.

M. A. Pinero, presidente da commissão executiva, declarou ter o festival produzido cerca de 27 contos para miss Terry e ao som d'um hymno laudatorio entoado por artistas e publico acabou aquelle espectaculo, que difficilmente encontrará parallelo na historia do theatro inglez.

«Madame Sans Gêne»

Ellen Terry
Aos 50 annos

«Madame Sans Gêne»

Um grupo de 50 formosissimas raparigas vendia na sala o *Programma-Souvenir* pela bagatella de 1$200 réis. Continha o elegante volume, além do programma, os nomes de toda a grande commissão patrocinadora em que figuravam pessoas reaes e a melhor nobreza ingleza, a commissão executiva, os nomes das graciosas vendedoras e varios desenhos de miss Terry nas suas creações, devidos ao lapis dos celebres artistas E. Abbey, Sargent e Alma-Tadema da Real Academia, e Nicholson, W. Orpen, B. Shaw, J. Pryde e B. Partridge.

Como em Inglaterra não ha manifestação sem banquete, o jornal *The Tribune* offereceu, dias depois, a Ellen Terry um jantar de 200 talheres no hotel Cecil cuja sala foi transformada n'um jardim repleto de flôres. Não faltaram versos, *menus* artisticos mensagens da Inglaterra e da America, discursos enthusiasticos e a agradavel noticia, para depois d'um bom jantar, dada pelo thesoureiro da *Tribune*, de que, com os fundos angariados pela *Tribune* e os vindos da America, tinha para entregar a Ellen Terry 8:784 libras, ou sejam 39 contos de réis!

A. F. D'ALMEIDA CARVALHO.

«Beatriz»

«Rainha Catharina»

«Portia»

AS MODAS DE INVERNO

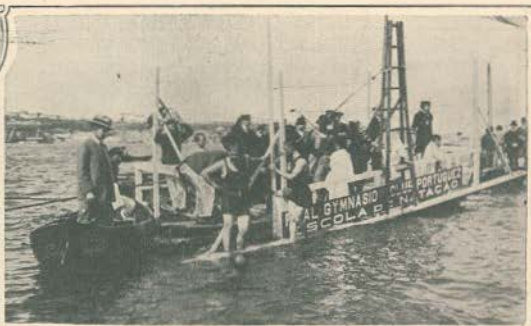
Figurino da celebre casa Rouff, destinado especialmente á *Illustração Portugueza*

Vestido de baile em *musselina* de seda amarella plissada, guarnecido a galões de prata e vidrilhos prateados

[CLICHÉ FÉLIX]

A FESTA DAS ESCOLAS

(Realisada no Velodromo de Lisboa no dia 14)

O Principe Real e o inspector sr. Antonio Waddington distribuindo os premios aos alumnos delegados das escolas — O maestro Guilherme Ribeiro regendo o hymno das escolas executado por um côro orpheonico de 400 creanças — Os exercicios de gymnastica sueca — O sr. conselheiro João Franco, presidente do conselho, proferindo a allocução ás creanças

O CAMPEONATO DE NATAÇÃO

(Realisado no Alfeite na manhã do dia 14)

O batelão escola do Real Gymnasio Club Portuguez, de onde se lançaram á agua os nadadores — O vencedor do campeona o, sr. A. Rumsey do Real Velo Club do Porto, e os seus competidores srs. Mario Duarte, Carlos Lacombe, Antonio Sousa Monteiro, Alvaro de Lacerda, Francisco Marçal, Fernando Costa e Manuel C. d'Avila—O re resso dos nadadores—O sr. Manuel Avila, atacado de u a caimbra, n'um braço, desampara o torneio

COMO SE LUCTA
TRATADO PRATICO DE LUCTA FRANCEZA

CONTINUADO DO N.° 34

Prisão de cabeça em terra, 1.° tempo (fig. 71)—O luctador, collocado ao lado do adversario, passa-lhe o braço que fica do lado d'este sob o peito, e a mão vae prender-lhe a nuca. Entretanto faz um intercalamento com o outro braço, cuja mão vae tambem prender-lhe a cabeça. Então, mettendo bem o hombro debaixo do adversario, puxa-lhe pela cabeça, obriga-o a dar uma cambalhota.

2.° tempo do mesmo golpe.—Logo que o adversario dê a cambalhota, passa-se com o hombro para cima do peito d'elle, carregando juntamente com o rosto e mantendo bem as prisões.

Defezas da prisão de cabeça em terra. — As defezas d'este golpe são as seguintes: primeira evitar as prisões levantando bem a cabeça; segunda parar com uma *ponte*, antes que o adversario passe ao 2.° tempo do ataque.

Prisão de cabeça e espadua, 1.° tempo (fig. 72)—O luctador, um pouco á frente do adversario, prende-lhe a cabeça com um dos braços, collocando-a sob a axila, evitando comtudo molestar-lhe a garganta, e com o outro braço faz um intercalamento de maneira que a mão fique bem sobre a espadua. Em seguida obriga o adversario a rodar para o lado opposto ao referido intercalamento.

2.° tempo do mesmo golpe.—Depois do adversario ter rodado será obrigado a assentar as espaduas retirando o braço que faz o intercalamento.

(Continúa).

62—1.° tempo da prisão de braço em rotação por debaixo

2.° tempo da prisão de braço em rotação por debaixo

64
1.º tempo da prisão de cabeça e braço

67
1.º tempo da cintura de lado em terra

65
2.º tempo da prisão de cabeça e braço

69
2.º tempo da cintura em flexão

66
1.º tempo da cintura de frente em terra

68
1.º tempo da cintura em flexão

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro com veracidade e rapidez: é incomparavel em vacticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancia, phrenologia e physiognomonia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroso e d'Arpentigney.

Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathegoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite, em seu gabinete, 43, Rua do Carmo, sobre-loja. Consultas a 1$000, 2$500 e 5$000 réis.

TABACARIA CUBANA

de José Gonçalves Bastos

Deposito de tabacos de todas as procedencias em grosso e a retalho

Unico importador dos afamados Charutos CARTOLLA e NHONHÔ

Especialidade cigarros COMMERCIAES

Estas marcas acham-se á venda em todas as tabacarias de LISBOA e PORTO

Rua Henrique Martins, n.º ..6—MANAOS

O melhor relogio em ouro, prata e aço,
o unico que em dois annos conseguiu impôr-se
a todas as outras marcas.

A' venda em todas as relojoarias e ourivesarias do paiz

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

32 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa

Preço 400 réis

Automobili-Isotta Fraschini

Os mais solidos, simples e economicos e os que melhor sobem

Central Garage, F. S. Martinho & C.ª
Accessorios e officinas de reparações
Rua da Escola Polytechnica, 225 227 229 e 231, Lisboa.

CASA ESPECIAL DE CAFÉ DO BRAZIL

A. Telles & C.ª

Rua Garrett, 120 (Chiado), LISBOA—Rua Sá da Bandeira, 71, PORTO

TELEPHONE N.º 1:438

Café especial de Minas Geraes (Brazil)

PEÇAM

EM TODA A PARTE

Aguas mineraes do Monte Banzão

R. Arco Bandeira, 216, 2.º

LISBOA

Aguas mineraes do Monte Banzão

INSTRUMENTOS DE CORDA

Guitarras, bandolins, violas e accessorios para os mesmos, envia catalogos gratis para fóra.

AUGUSTO VIEIRA

R. de Santo Antão, 4

LISBOA